

A PRÁTICA MUSICAL COMO POTÊNCIA PARA O TRABALHO DE ARTISTAS DA CENA

Data de submissão: 08/02/2023

Data de aceite: 03/04/2023

Marcos Machado Chaves

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FALE)
Dourados – MS
<http://lattes.cnpq.br/3979750863757284>

Isabela Teles Pereira

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FALE)
Dourados – MS
<http://lattes.cnpq.br/6225401627340842>

Lorena Maria de Jesus Flumignan

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FALE)
Dourados – MS
<http://lattes.cnpq.br/1606831245574859>

RESUMO: Ao acreditar que a prática musical tem o potencial de fortalecer o trabalho de artistas da cena, a presente pesquisa – em Iniciação Científica – atravessa dois projetos de extensão da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FALE) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) ofertados à comunidade douradense em 2022, “Teatro Musical”

e “Flauta que te quero doce”. Buscamos vozes de quatro discentes do curso de Artes Cênicas participantes dos projetos, com ênfase ao projeto de aprendizado ao instrumento de sopro, para entender algumas conexões da área musical com a área teatral em ações que não estão diretamente conectadas a ambas as áreas da Arte. O referencial teórico encontra ligações com César Lignelli (2020), Marcos Chaves (2020), Ernani Maletta (2016) e Jussara Fernandino (2013), no que tange à percepção da necessidade de se trabalhar musicalmente atrizes e atores em cursos de formação, e visita outros/as pesquisadores/as que valorizam a educação musical e/ou as relações musicais-teatrais observadas por questões socioculturais.

PALAVRAS-CHAVE: Música; Teatro; Educação Musical; Teatro Musical; Projeto de Extensão.

THE MUSICAL PRACTICE AS A POWER FOR THE WORK OF SCENE ARTISTS

ABSTRACT: By believing that musical practice enhances the training of actors and actresses, the present research – in Scientific Initiation – crosses two extension

projects of the Faculty of Communication, Arts and Letters (FALE) of the Federal University of Grande Dourados (UFGD) offered to the Douraden community in 2022, “Musical Theater” and “Sweet Recorder”. We heard four students from the Performing Arts course participating in the projects, with emphasis on the musical instrument (recorder) learning project, to understand some connections between the musical area and the theatrical area, in actions that are not directly connected to both areas of Art. Our bibliographic references find connections in the texts of César Lignelli (2020), Marcos Chaves (2020), Ernani Maletta (2016) and Jussara Fernandino (2013), regarding the perception of the need to work musically with actresses and actors in training courses, and visits other researchers who value music education and/or musical-theater relationships observed for sociocultural issues.

KEYWORDS: Music; Theater; Musical education; Musical theater; Extension project.

1 | INTRODUÇÃO

Partimos do pressuposto de que a prática musical age como elemento diferenciado e/ou de potência para o desenvolvimento de atrizes/atores. Tal hipótese pode ser corroborada facilmente em pesquisas na área das Artes Cênicas, na observação de que o conhecimento musical deve ter distinta atenção na formação de artistas da cena (César Lignelli, 2020; Marcos Chaves, 2020; Ernani Maletta, 2016; Jussara Fernandino, 2013). Em pesquisa de Iniciação Científica na Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados, atravessamos estes entendimentos e enfocamos as relações entre música e teatro 1) para o canto cênico com o corpo todo; e 2) na percepção da educação musical (formal, não formal e informal) de nossa sociedade. As autoras e o autor uniram esforços e observações a iniciar (objeto da pesquisa) com o Projeto de Extensão “Teatro Musical”¹ executado em 2022, todavia, em uma extensão paralela em que também estavam imersas/imersos no mesmo ano, “Flauta que te quero doce”², adquiriam outros pensamentos na contribuição de seus estudos musicais-teatrais. O projeto de prática com instrumento de sopro será o recorte destacado da presente escrita.

A UFGD possui dois cursos de graduação em Artes Cênicas (Bacharelado e Licenciatura)³, e no ano de 2022 muitos/as discentes se interessaram em participar do projeto de extensão – estreante – carinhosamente chamado de TMUS, que iniciou suas atividades no mês de fevereiro. Acreditamos que todas as pessoas envolvidas, vindas das Artes Cênicas, já tinham o pensamento que o Teatro Musical iria contribuir com sua formação de atriz/ator, e comprovamos esta afirmação com o decorrer do projeto – na observação do desenvolvimento das pessoas participantes. Um diferencial a este fato, um acréscimo nas relações entre música e teatro a algumas pessoas que estavam no TMUS, esteve em outro projeto de extensão (diretamente da área da música) que aconteceu paralelamente ofertado à comunidade: “Flauta que te quero doce”, que iniciou as atividades em maio.

1 “Teatro Musical - ODS 4”, cadastrado no Edital PROEX/UFGD n.º 34 (2021).

2 “Flauta que te quero doce (ODS 4)”, cadastrado no Edital PROEX/UFGD Cultura n.º 18 (2022).

3 A entrada é única, pois os dois primeiros anos possuem componentes curriculares em comum. Os anos seguintes separam as habilitações, e as/os discentes escolhem suas trajetórias de formação.

Algumas alunas-atrizes participantes do Teatro Musical se inscreveram na Flauta, como as autoras-pesquisadoras em Iniciação Científica deste capítulo, mas também tivemos alunos das Artes Cênicas que estiveram apenas no projeto instrumental sem participação no TMUS – dos quais entrevistamos dois integrantes para ampliar nossa percepção sobre a contribuição musical no teatro. Existiram distinções de novas relações musicais para a formação de artistas da cena entre as duas ações extensionistas? Quais pontes existem entre esses projetos de extensão e a formação de atores/atrizes na UFGD? Como estes projetos podem ter ajudado na desconstrução de possíveis barreiras socioculturais no campo das Artes?

2 | CONTEXTUALIZANDO OS PROJETOS

Para entender e pontuar nossas questões, que observam algumas potências cênicas advindas de um conhecimento e/ou aprimoramento musical, vamos conhecer os dois Projetos de Extensão – cadastrados na Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (FALE/UFGD) – cujos/as autores/as deste capítulo participaram no ano de 2022, elaborando pontes com o curso de graduação em Artes Cênicas.

A primeira edição do projeto de extensão “Teatro Musical – ODS 4”, realizado pela UFGD com coordenação do Prof. Dr. Marcos Machado Chaves, da área de Música e Cena, e da Prof.^a Dr.^a Ariane Guerra Barros, da área de Corpo e Movimento, teve o início de suas atividades em fevereiro de 2022 e sua conclusão em novembro do mesmo ano. O projeto tinha como objetivo inserir e/ou fomentar a prática de montagem e apreciação de teatro musical em Dourados/MS. Para ingressar nesta extensão foi necessário que cada pessoa interessada, individualmente, realizasse o preenchimento de um formulário e uma carta apresentando as motivações e desejos que possuíam com relação ao projeto e à prática de teatro musical. Inicialmente, foram ofertadas 15 (quinze) vagas, e a comissão organizadora foi surpreendida com mais de 50 (cinquenta) inscrições – inclusive de fora do estado, de todas as classificações presentes no formulário de inscrição: alunas/os, técnicas/os, professoras/es e comunidade externa. Durante o período em que o projeto esteve em vigência, a equipe de execução ampliou o total de participantes para 25 (vinte e cinco) pessoas, na busca de melhor contemplar a demanda. Eram realizados encontros semanais que executavam práticas corporais, vocais, musicais, teatrais e discussões acerca de montagens teatrais-musicais. A bolsista do projeto era a discente de Artes Cênicas Natalie Melody Chavez Soares, que contribuiu com a organização, e, em paralelo, foi criado um grupo de pesquisa voluntário (PIVIC-FC) que abordava os conteúdos do teatro musical (e que também teve sua conclusão em dezembro de 2022). A partir desse coletivo, as autoras do presente artigo, que também participavam como voluntárias deste grupo de pesquisa, continuaram seus estudos como bolsistas (PIBIC) a partir de setembro de 2022.

Já o projeto “Flauta que te quero doce (ODS 4)”, realizado pela mesma universidade e também com coordenação de Marcos Chaves, aconteceu entre os meses maio a dezembro de 2022. Reeditado e atualizado de uma versão homônima aplicada no ano de 2014, os objetivos mantiveram-se similares: “Estudar teoria da música (iniciação) com alunos(as) que não tiveram educação musical (no ensino básico), bem como oportunizar a mesma interação a alunos(as) que possuem alguma vivência musical e queiram trocar experiências no projeto” (Texto do formulário da proposta cadastrada, 2022). O ingresso das pessoas participantes/interessadas foi realizado por ordem de inscrição, através do e-mail do coordenador, e totalizava 12 (doze) vagas que foram preenchidas. A proposta organizou-se em um horário distinto, a ação tinha encontros no horário de almoço – na busca de abranger a comunidade (e pessoas que possuíam atividades no turno matutino ou vespertino). Tal experimentação em horário não usual pode ter colaborado na oscilação das pessoas integrantes, e o grupo finalizou com 7 (sete) participantes. Este projeto, assim como o TMUS, também contou com a participação de pessoas da comunidade e de alunos/as de Artes Cênicas da UFGD, e tinha como bolsista a discente Maria de Fátima Serafim da Silva que, posteriormente foi substituída por Aline Domingos da Silva – com a responsabilidade de articular os encontros. O objetivo foi alcançado, e promoveu o conhecimento da teoria musical e a leitura (introdutória) de partitura através do instrumento flauta doce soprano. Para o encerramento deste projeto no ano de 2022 foram realizadas apresentações públicas chamadas de pílulas culturais de flauta doce para a comunidade, exibições de peças curtas e instrumentais que foram desenvolvidas no período de vigência do projeto.

Algumas pessoas tiveram a oportunidade de participar dos dois projetos simultaneamente durante o ano de 2022. Todavia, se no projeto de teatro musical existia clareza da relação entre música e teatro, como alunas/os de Artes Cênicas que só participaram do projeto de flauta doce aproveitaram novos conhecimentos musicais para sua prática teatral?

3 | VOZES E OBSERVAÇÕES: A PRÁTICA MUSICAL E A FORMAÇÃO CÊNICA

Para mergulharmos nas relações de nossas pesquisas teatrais-musicais, trazemos vozes de quatro discentes de Artes Cênicas que passaram pelas extensões mencionadas, as autoras-pesquisadoras que estiveram em ambos os projetos, Isabela Teles Pereira e Lorena Maria de Jesus Flumignan, e dois participantes que atuaram apenas em “Flauta que te quero doce”: Anderson Souza dos Anjos e Liédson Dávalos Barreto que gentilmente cederam suas falas em entrevistas (2023). Outras vozes, outras participantes, poderiam estar presentes em nossas captações, a escolha do recorte visa diálogos introdutórios que podem ser ampliados na sequência da pesquisa. Uma curiosidade: as/os quatro discentes são da mesma turma de graduação, e, por tal, trocam percepções no exercício

de componentes curriculares e em montagens cênicas.

Encontramos uma unanimidade: os projetos da área musical contribuem para a formação de atriz/ator, todavia, de que forma e como dividir estas percepções subjetivas? Não temos respostas definitivas, trazemos, apenas, indícios e partilhas que somam uma resposta que precisa ser ampliada por muitas vezes, estudos e práticas, mas que podem dar “pistas” a outras/outros discentes de Artes Cênicas que eventualmente possuam receios ou dúvidas ao trabalhar música no teatro. Nas entrevistas, partimos da pergunta: Você acha que a prática musical pode potencializar e/ou potencializou o seu trabalho como ator/atriz?

Para Liédson Dávalos:

Pra mim que não tinha muito experiência na área musical do teatro ampliou muito a questão criativa, principalmente, e eu acho que todo ator deveria ter esse conhecimento [musical]. Por exemplo, conhecimento de partitura, acho muito interessante pra criar, a música ficou muito presente na minha criação mesmo como personagem, desde que eu comecei a me aprofundar no trabalho mais musical. (Liédson Dávalos, entrevista às autoras, 2023).

É possível perceber em Dávalos um interessante ponto a voltarmos: a partitura musical, pois há uma questão complexa. É fundamental ao/à artista da cena a leitura da partitura? Independentemente da absorção desta parte teórica musical, pontuamos o sentimento de importância do conhecimento musical no teatro, elemento que também encontramos na resposta de Anderson – que possui como nome artístico Andy Angels:

Acho muito importante a prática da música pra manter um ritmo durante a cena. Com as práticas das músicas a gente vai tendo um ritmo, e ao decorrer da cena os atores, querendo ou não, acabam criando um andamento e isso acaba ajudando a manter essa rítmica, tanto na fala quanto no corporal... Acaba ajudando na cena em geral. (Andy Angels, entrevista às autoras, 2023).

Isabela Teles e Lorena Flumignan, nos encontros de pesquisa com o orientador, dividiram suas percepções a partir do mesmo questionamento elaborado nas entrevistas.

Para Teles:

A prática musical permite um maior entendimento sobre as técnicas, tanto do uso da voz quanto da respiração: como aprimorá-las e cuidar corretamente de todo o aparato vocal. Utilizar esses quesitos e a tenacidade vocal para a construção e criação de identidade de personagens. O aprendizado de um instrumento a partir da maneira “tradicional”, ou seja, a partir de partitura, possibilita que a atriz possa desenvolver mais habilidades que podem ser usufruídas no palco, tanto a leitura da partitura e o conhecimento teórico quanto a habilidade de tocar um instrumento musical que pode agregar ao espetáculo. (Isabela Teles, encontro de pesquisa, 2023).

Já para Flumignan:

A música e o aprender musical potencializam o trabalho teatral que está sendo realizado, geram possibilidades e caminhos de desenvolvimento – isso para a cena e como ela pode ser trabalhada (lembrando que uma cena pode surgir diretamente a partir da sonoplastia). Um outro fator relevante são as oportunidades que podem surgir e ser criadas com esse processo, o fator

relacionado a saber tocar um determinado instrumento musical e também saber ler partitura – gera grandes possibilidades de trabalho, ampliando as oportunidades ao mesmo tempo que gera um formato de currículo mais completo. (Lorena Flumignan, encontro de pesquisa, 2023).

Todas as falas suscitam a importância do aprendizado musical para a formação de atores e atrizes, sejam nas questões criativas para a cena, no ritmo do/da artista e/ou da cena, nas relações com as técnicas e poéticas vocais, na pontuação que valoriza e coloca a sonoplastia como protagonista, são muitas as vertentes e possibilidades que o trabalho musical pode proporcionar. Atentemo-nos à lembrança de Flumignan, de que a música na formação de atrizes e atores gera um formato de currículo mais completo. Se recordamos que o teatro é uma obra audiovisual (Maletta, 2016), não podemos esquecer a parte “áudio” da palavra, a importância dos sons e das músicas nas Artes da Cena.

Retornemos ao ponto que entrecruza o aprendizado da partitura musical, na ocasião proporcionado pelo projeto de extensão “Flauta que te quero doce”. Acreditamos que foi ponto em comum da resposta das quatro pessoas, destaque na menção dos/das discentes, por ser um diferencial que perceberam em seus trabalhos cênicos, pela satisfação de compreender uma linguagem simbólica complexa e perceber que seu entendimento pode facilitar trânsitos entre a música e o teatro. Todavia, salientamos, o aprendizado da partitura musical – oriunda de uma teoria musical de tradição europeia em diálogo com o sistema tonal – não é algo crucial para artistas teatrais. Concordamos com leituras que reverberam a importância da partitura musical para atrizes e atores, mas não a colocam como fator impeditivo de potência musical-teatral, sua relevância estaria, principalmente, na possibilidade de ampliar diálogos entre as duas áreas das Artes.

Continuo com o pensamento de que não é imprescindível ao/à artista cênico/a a leitura de uma partitura musical, mas recomendo com ênfase tal conhecimento aos/às atores/atrizes que despertam interesse em apreendê-lo. Ao/à ator/atriz entender partitura musical é uma abertura para um diálogo facilitado entre as áreas da música e do teatro, um interessante meio para interpretação com instrumentos musicais, registro de melodias vocais, além de auxiliar na compreensão de literaturas teatrais que usam a notação musical para exemplificação de sons e ritmos. (CHAVES, 2020, p. 346).

Apesar da notação musical não ser fundamental conhecimento para atrizes e atores, destacamos o sentimento libertador vivenciado pelas quatro pessoas em formação teatral mencionadas neste capítulo, em contato com a Extensão Universitária, ao conseguir dar os primeiros passos na compreensão da partitura musical e ao vislumbrar contato com as Artes Cênicas.

4 | DOS ELEMENTOS QUE ATRAVESSAM PSICOLOGIA E/OU QUESTÕES SOCIOCULTURAIS

Partimos do pressuposto de que existem padrões e estigmas que formam a(s)

sociedade(s), ou seja, há questões socioculturais que nos atravessam perpetuando preconceitos – em todas as áreas do conhecimento. O machismo é ensinado? E o racismo, está no conteúdo escolar? O que dizer da lgbtFOBIA? Do capacitismo? Da falta de pluralidade religiosa em um Estado Laico? As questões, que aparentemente se afastam de nosso objeto de estudo, estão conectadas à nossa pesquisa quando queremos entender o que nos forma, de onde surgem nossos pensamentos, barreiras, que se manifestam quando precisamos nos desconstruir ou estar abertas/abertos a um novo aprendizado. Ao pensar nesses padrões, o medo pode acompanhar uma diversidade de questionamentos, e, desse modo, ser agente que impede as pessoas de ter a possibilidade a um acesso distinto no campo do conhecimento. Em nosso recorte: nos diálogos educacionais musicais; como exemplo: o medo do julgamento que as pessoas podem ter em relação à sua afinação, ao seu ritmo. A intrínseca ideia classista de que é preciso nascer com algum “dom”. O medo de não ser capaz, de não conseguir – acaba se tornando um grande impedimento para novas experiências. A falta de diálogos musicais pode ter como consequência empecilhos diretamente relacionados com a confiança e a autoestima necessárias para desenvolvimentos de trabalhos artísticos.

A música faz parte da área das Artes, porém, podemos apontar, inicialmente como hipótese, que muitas vezes não é desenvolvida e trabalhada dentro das escolas – ao menos não da forma como deveria a partir da Lei de Diretrizes e Bases de 1996 (atualizada em 2008): Educação Musical (Fucci-Amato, 2012). Com isso, não é difícil encontrar o discurso de que a música não é acessível a todas as pessoas, ou que ainda exista uma conexão classista com seu ensino formal ou não formal (Miranda; Justus, 2004). Todavia, existem programas de musicalização que são desenvolvidos pelo município, estado e união, que proporcionam contato gratuito e público, alguns por ONGs, porém esse fator não deve tirar a responsabilidade de que a música deve fazer parte da grade curricular e ser desenvolvida dentro das escolas desde o ensino básico.

A música tem uma grande importância não somente na formação individual das pessoas, mas também em seu contexto relacional na sociedade. Poderíamos listar inúmeras benéficas de aprimorar/aprofundar música no meio social, algumas delas nos aparecem como pontos a ressaltar, como sua presença dentro dos movimentos sociais, seu potencial crítico, de mobilização, de denúncia, de resistência... Através da música as pessoas podem apresentar um papel ainda mais ativo na sociedade.

Em nossos debates de pesquisa, visitando o campo da psicologia em leituras, relatos e compartilhamentos pessoais, conectamos a música e/ou o conhecimento musical, com as emoções, com as sensações, com – em alguns momentos – elementos intangíveis, mas não menos presentes. É possível pensar que a influência da música impacta diretamente um indivíduo, podendo, dessa forma, ajudar positivamente (e diferentemente) as pessoas em diversos momentos. A música tem potencial de colaborar nos processos de superação e/ou amadurecimento, com situações complexas e/ou turbulentas, que

impactam diretamente questões psicológicas e socioculturais, personalidades, assim tendo um reflexo direto no trabalho e nas relações sociais. Ao atravessar esses pensamentos e devaneios – nos permitindo licença poética como na obra *Práticas, Poéticas e Devaneios vocais* (2019) que aborda a voz no teatro –, recordamos que a música tem a possibilidade de manter as “tradições”, que sempre precisam ser repensadas, todavia apresenta um importante papel na conservação de manifestações em nosso país – das quais destacamos conexões com as culturas indígenas, africanas, com as múltiplas religiões... Dessa forma, a música (dentre várias atribuições) tem o papel de apresentar e disseminar uma cultura que não deve e não pode ser esquecida – essa mesma cultura que conta a história de povos que foram escravizados, mortos e torturados. A música é transmitida dentro das gerações, fortalecendo raízes e lutando contra preconceitos.

Vamos dar um passo atrás: por que estamos pontuando e/ou retomando estes pensamentos entre música e formação social, ao escrever sobre a prática musical como potência para o trabalho de artistas da cena? Em parte, para dizer que o ensino de música não está necessariamente conectado ou destinado a poucas pessoas, a música faz parte de nossas vidas! Todos somos músicas, sons, reverberações.

A música como disciplina curricular é pouco trabalhada ou desenvolvida dentro das escolas, se observarmos sua inserção na rede pública brasileira, por exemplo. Tal constatação fere a lei vigente por uma obrigatoriedade que não é cumprida. A educação musical é fundamental não só pelo fato de aprender instrumentos, cantar ou entender notações musicais, sua relevância, em nosso ponto de vista e de escuta, está no desenvolvimento de nossas inteligências sonoras/musicais, emocionais... Está na contribuição ao desenvolvimento pessoal e social. Através do aprendizado da música, barreiras e padrões impeditivos de execução musical podem ser rompidos. Todas as pessoas, em distintos graus, são capazes de adquirir/aprimorar conhecimentos musicais – independentemente das dificuldades e limitações.

Trazer aprimoramento musical ao teatro não apenas implica em elementos técnicos musicais, da teoria musical “tradicional” e/ou tonal, mas abarcar seus diálogos múltiplos. Se por um lado um projeto de extensão como o “Flauta que te quero doce”, que visa, dentre outros objetivos, iniciação à partitura musical, mostra-se relevante na formação de artistas da cena, observar o lado histórico da música, questões culturais conectadas ao discurso, é acepção que pode ser entendida como prioritária – nas relações entre Música e as Artes Cênicas. Compreender os contextos para ultrapassar barreiras ao experimentar e fazer música:

Libertar as amarras – com o canto – derivadas de injunções socioculturais. [...] O perpassar questões decoloniais está na observação de que verdades oriundas da teoria da música de tradição europeia são relativas; ou o que costumeiramente podemos pensar – em nossos imaginários – do que seria um processo ideal para o/a artista buscar o seu cantar. Não existe uma metodologia correta para todas e todos. As personalidades e os contextos

importam. (MOURA, CHAVES, 2021).

O artigo *Diálogos entre voz e cena: possíveis barreiras do canto no teatro* (2021) nos dá pistas de que as questões socioculturais, conectadas às dificuldades que podemos encontrar derivadas dos pensamentos presentes na sociedade, são pontos de partida ao tentarmos compreender nossas próprias dificuldades. Pontua a discente-pesquisadora Lorena Flumignan:

Grande parte das vezes é reproduzido o pensamento de que para acontecer uma evolução na música, potencializar de alguma forma um trabalho ou atividade musical que esteja sendo desenvolvida, existe a necessidade de gerar um produto físico, relacionado ao desenvolvimento e aos assuntos que são contemplados dentro da abordagem. Porém, o crescimento musical pode ocorrer de uma forma “invisível” – a potencialização de um trabalho pode estar diretamente relacionada ao psicológico, autoconfiança, segurança no que está sendo desenvolvido. (Lorena Flumignan, encontro de pesquisa, 2023).

Assim como para Isabela Teles:

A prática musical colabora de forma direta com o uso do corpo, principalmente em movimentos coreografados e em coreografias, pois a música e a dança possuem elementos que se relacionam nas duas formas de arte e podem surgir de forma conjunta em uma cena ou espetáculo. (Isabela Teles, encontro de pesquisa, 2023).

Desta forma, as possíveis barreiras existentes com o trabalho musical no teatro, sejam oriundas do discurso da sociedade ou da falta de um entendimento corporal plural em sua expressividade, podem ser diluídas ou deslocadas – em distintos graus dependendo de cada contexto – com o mergulho em atividades que proporcionam distintos conhecimentos e reflexões musicais, principalmente em ações afirmativas abertas às personalidades, como o Projeto de Extensão “Teatro Musical”, que tentou criar novas experiências aos/às participantes, e o Projeto de Extensão “Flauta que te quero doce”, que quis ser uma via alternativa de aprendizado “tradicional” da teoria musical básica oportunizada à comunidade local.

5 | CONCLUSÕES

Reverberamos o texto de Letícia Carvalho Moura e Marcos Machado Chaves nos pontos conclusivos deste capítulo: “Saber de nossa formação tonal europeia é um passo inicial para podermos aceitar que existem outras formas de perceber a musicalidade e os sons” (2021) – com tal pensamento, observamos algumas barreiras que podem existir nos diálogos teatrais-musicais oriundas de questões socioculturais. Atravessamos indiretamente reflexões presentes em César Lignelli para “auxiliar a nossa sensibilidade quanto às sonoridades” (2020, p. 106), bem como Ernani Maletta para entender que “a habilidade musical do artista não está apenas na sua capacidade em ser um exímio cantor

ou instrumentista” (2016, p. 25), e Jussara Fernandino na busca de “um maior entendimento dos aspectos interacionais entre Música e Teatro” (2013, p. 11). Escutamos vozes de discentes do curso de Artes Cênicas da Universidade Federal da Grande Dourados, participantes de Projetos de Extensão da área musical, para entender que música e cena se conectam e, juntas, podem potencializar o trabalho de atores e atrizes em formação.

O recorte da pesquisa que aqui dividimos seguirá por nós observado, em estudos que continuam e, mesmo que tenham prazos para finalizações, dificilmente chegam a conclusões fechadas. Ao invés de pontos finais, acrescentamos vírgulas, reticências, e compartilhamos impressões em um amplo universo relacional entre a Música e o Teatro. Repartimos absorções que passam por personalidades, e reflexões que podem somar a um/a estudante de teatro que tenha dificuldades de se expressar musicalmente... No desejo de ampliar diálogos e liberdades musicais para atrizes e atores.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Liédson Dávalos. **Entrevista concedida a Lorena Flumignan** – realizada no Núcleo de Artes Cênicas/UFGD. Dourados: janeiro, 2023.

CHAVES, Marcos. **De trilhas sonoras teatrais a preparações musicais para artistas da cena**. Rio de Janeiro: Editora Synergia, 2020.

DOS ANJOS, Anderson Souza. **Entrevista concedida a Isabela Teles** – realizada no Núcleo de Artes Cênicas/UFGD. Dourados: janeiro, 2023.

FERNANDINO, Jussara. **Interação cênico-musical**: estudo nº 2. 2013. 280 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, 2013.

FUCCI-AMATO, Rita. **Escola e educação musical**: (Des)caminhos históricos e horizontes. Campinas/SP: Papyrus, 2012.

LIGNELLI, César; GUBERFAIN, Jane Celeste (Orgs). **Práticas, poéticas e devaneios vocais**. Rio de Janeiro: Editora Synergia, 2019.

LIGNELLI, César. **Sons e(m) Cena**: parâmetros do som (Tomo I) – 2. ed. Curitiba: Editora Appris, 2020.

MALETTA, Ernani. **Atuação polifônica**: princípios e práticas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

MIRANDA, Clarice; JUSTUS, Liana. **Formação de plateia em música**. São Paulo: Arx, 2004.

MOURA, Letícia Carvalho; CHAVES, Marcos. Diálogos entre voz e cena: possíveis barreiras do canto no teatro. In: **Anais XI Congresso da ABRACE**, v. 21 (2021).

TELES, Isabela; FLUMIGNAN, Lorena. **Encontro de pesquisa**: registros da Iniciação Científica, 2023.